

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio incondicional.  
À minha orientadora, a professora Aurora Carapinha pelas boas conversas e valiosas lições que contribuíram para o bom desenvolvimento do trabalho.  
Ao arquitecto João Maria Trindade, professor de projecto e co-orientador, pelo excelente apoio e disponibilidade.  
Ao Pedro, por estar sempre presente.  
Aos meus amigos;  
Aos de cá, pela partilha de horas de trabalho.  
Aos de lá, pelo incentivo e motivação que me fizeram voltar sempre com entusiasmo e vontade de trabalhar.

Obrigada

|                                                                                                  |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Agradecimentos                                                                                   |     |
| Processo, metodologia, estrutura, objectivos                                                     | 6   |
| INTRODUÇÃO                                                                                       | 8   |
| <b>1 O CAMPO DA CIDADE</b>                                                                       |     |
| Paisagem Rural / Paisagem Global                                                                 | 12  |
| Cidades jardim (propostas de ligação do espaço rural ao espaço urbano)                           | 16  |
| ÉVORA (relação com o território rural ao longo do tempo)                                         | 24  |
| Plantas de análise da cidade de Évora                                                            | 35  |
| <b>PERCURSO</b>                                                                                  |     |
| Relação do centro histórico de Évora e o bairro da Malagueira                                    | 36  |
| Planta dos percursos                                                                             | 40  |
| Ligação entre o centro histórico e o bairro da Malagueira                                        | 42  |
| Percurso fotográfico                                                                             | 44  |
| <b>ESTRATÉGIA</b>                                                                                |     |
| Planta de localização                                                                            | 46  |
| Planta de implantação                                                                            | 48  |
| Fotografia da maquete de estratégia à escala 1.1000                                              | 50  |
| Vista Aérea, a estereotomia (proposta para uma nova estratégia e conceito)                       | 52  |
| <b>2 CULTURA URBANA</b>                                                                          |     |
| Sítio. O lugar entre o interior e o exterior da muralha.                                         | 56  |
| Análise da Evolução do sítio                                                                     | 57  |
| Lugares intersticiais / Lugares expectantes (Uma possibilidade entre a arquitectura e o cultivo) | 58  |
| Horta=jardim                                                                                     | 62  |
| Fotomontagem do <i>hortus conclusus</i> na cobertura                                             | 68  |
| Esquema de organização da planta                                                                 | 70  |
| Planta cota +5; cota 0; cota; -5                                                                 | 72  |
| Planta de cobertura                                                                              | 74  |
| Cortes gerais                                                                                    | 76  |
| Fotografia da maquete à escala 1.200                                                             | 78  |
| Axonometria geral                                                                                | 80  |
| <b>3 COBERTURA: UM NOVO SOLO</b>                                                                 |     |
| Acima da Estrada (proposta de separação do percurso pedonal do movimento automóvel)              | 82  |
| Cobertura como um novo solo                                                                      | 86  |
| Fotomontagem I vista da cobertura                                                                | 100 |
| Planta 1.200                                                                                     | 102 |
| Planta da cobertura 1.200                                                                        | 105 |
| Corte 1.200 - escola de dança e Galeria                                                          | 108 |
| Fotomontagem do espaço interior da sala principal da escola de dança                             | 110 |
| Cortes 1.200 - escola de dança e Galeria                                                         | 112 |
| Cortes 1.200 - Biblioteca                                                                        | 114 |
| Fotomontagem do espaço interior da sala de leitura da biblioteca                                 | 116 |
| Fotomontagem do espaço interior da biblioteca com vista para a cobertura                         | 118 |
| Corte 1.200 - Auditório                                                                          | 120 |
| O muro. O limite do espaço                                                                       | 122 |
| Fotografias das maquetes 1.50                                                                    | 124 |
| Corte construtivo 1 . 1.50                                                                       | 130 |
| Corte construtivo 2 . 1.50                                                                       |     |
|                                                                                                  | 134 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                                                      |     |
| Fontes de Ilustração                                                                             | 136 |
| Fontes Bibliográficas                                                                            | 138 |



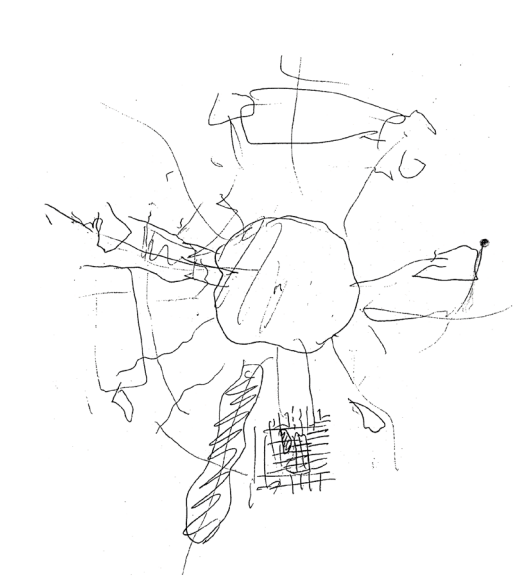


fig. 01 Esquízo à mão levantada de Siza Vieira. Bairros como estruturas entre os eixos radiais que organizam a cidade e ligam o centro à periferia.

A presente dissertação tem como objectivo sintetizar um processo desenvolvido no âmbito da cadeira de projecto avançado III no ano lectivo 2009/2010. Pretende-se o desenvolvimento de uma estratégia que permite re-equacionar a possibilidade de ligação pedonal articulado com um programa funcional imposto entre o centro histórico de Évora e os bairros habitacionais periféricos, no caso específico, bairro da Malagueira.

O projecto foi desenvolvido em duas fases. Numa primeira fase reflectiu-se sobre a questão pertinente do percurso pedonal. Temos a percepção que a cidade acaba quando saímos para o exterior da muralha. A circunvalação reforça esse limite e a percepção visual, distância-nos do centro da cidade em relação aos bairros.

Os três percursos existentes que nos levam do centro ao bairro da Malagueira e vice-versa, não funcionam enquanto percursos pedonais. Apesar de um deles (o percurso desde a porta de Alconchel e Avenida dos Salesianos) ter um eixo desenhado e integrado na origem do bairro da Malagueira feito por Siza Vieira, a ausência de equipamentos públicos veio a impossibilitar essa continuidade de ligação entre o centro histórico com as suas ruas movimentadas e equipamentos públicos. O percurso escolhido terá sido provavelmente o mais complexo pois está fortemente vincado por uma avenida em que a velocidade é dada pela máquina e que durante o seu percorrer existem sucessivas infraestruturas fragmentadas, cada uma com a sua identidade e escala que se tornam obstáculos ao percurso fluido e contínuo.

Na segunda fase do desenvolvimento do projecto seria necessário o aprofundamento de um dos sítios ao longo do percurso escolhido para intervir com um programa (equipamento cultural) imposto. O lugar escolhido na zona extra-muralhas, zona do Raimundo, teria haver com o facto de se situar na proximidade da muralha. Existindo como um lugar sobranete que suscita inquietudes e dúvidas mas que seria fundamental serem consideradas para resolver o começo ou fim do percurso naquele ponto para que toda a estratégia fizesse sentido. Iria actuar como receptor do peão ao sair da muralha permitindo a continuação do percurso em direcção ao Bairro.

Com o desenvolvimento do trabalho na vertente de investigação e elaboração de análises do território e cidade a escalas mais amplas, é feito o entendimento a esta problemática que é consequência do crescimento da cidade e pela sua descontinuidade em relação ao campo. O campo (sistemas rurais, quintas, espaços de cultivo e horticolas) presiste em alguns pontos da cidade como ilhas, outros são contínuos e permeáveis contornando obstáculos de modo a chegar ao centro da cidade. É através deles que se podem ver uma conexão que permite as duas naturezas (campo e cidade) fazerem ligação desde o centro à periferia. É neste sentido que todo o projecto se desenrola. Resulta de uma resposta, uma possibilidade que se justifica em trazer o campo mais próximo do centro. De que maneira a arquitectura pode assumir e integrar esses espaços rurais na cidade permitindo uma ligação coesa através de uma leitura territorial que se vem a perder ao longo do tempo e que afastam esta identidade muito própria da cidade.

ESQUEMA síntese da estrutura geral do índice:

| 1 o campo da cidade |        | 2 cultura urbana    | 3 cobertura: um novo solo |         |           |
|---------------------|--------|---------------------|---------------------------|---------|-----------|
| rural               | campo  | continuum culturale | jardim horto              | caminho | CULTURA 1 |
| urbano              | cidade |                     | programa cultural         | estrada | CULTURA 2 |

O documento apresenta-se sob a forma de projecto prático com uma componente teórica que é desenvolvida com temas inerentes que surgem do projecto e que servem de complemento ao projecto prático. É dessa forma que os elementos escritos e as peças desenhadas são lidas como um todo, desenvolvidas em três capítulos.

Numa primeira parte intitulada O CAMPO DA CIDADE, aborda-se a questão pertinente que é o afastamento dos espaços de cultivo horticolas para longe das cidades, procurando resposta nos conceitos desenvolvidos por Francisco Caldeira Cabral (Continuum naturale e continuum Culturale) e por Gonçalo Ribeiro Telles (Paisagem Global). São analisadas teorias de cidades – jardim, desenvolvidas por Howard Ebenezer com a *City of Tomorrow*, Frank Lloyd Wright com a *Broadacre City*, que correspondem a uma tentativa de relação e aproximação entre o campo e a cidade.

Neste tema é introduzido um subcapítulo sobre a cidade de Évora. Não se pretende fazer uma análise histórica aprofundada, mas sim analisar e entender a sua organização como cidade e a sua relação com a evolução da paisagem rural envolvente. De que maneira a paisagem em constante transformação poderá ser direccionada a criar um sistema de integração e interligação do espaço agrário e o espaço urbano. De que forma poderá ser campo e cidade ao mesmo tempo.

O segundo capítulo intitula-se CULTURA URBANA.

É neste capítulo que é introduzida a proposta. É apresentado o sítio/ o lugar a intervir e introduz-se a estratégia do mesmo. Desenha-se o programa a partir da matriz rígida e ortogonal dado por algumas pré-existências no lugar e pela consulta do cadastro. É necessário entender a origem do uso da Matriz regular rígida/padrão geométrico ortogonal dado pelas matrizes ecológicas ou culturais (que constituem a história de uma paisagem) e que a uma macro escala desenham espaços construídos. É esta a interpretação dada ao projecto para que dele se possa assumir a sua identidade e devolver o seu carácter rural. Reflecte-se sobre o afastamento das hortas que evocam o campo nas zonas urbanas, abordando as obras de Lauren Bon e Agnes Danes. As hortas evocam as pulsações dos sistemas naturais pois sempre foram parte integrante dos tecidos urbanos. É pertinente o estudo das hortas/ferragiais a diferentes escalas: a uma macro escala em que ordenam e organizam o território e a uma micro escala, onde estes espaços específicos criam habitats à escala do homem, como no caso *Siedlungen* de Adolf Loos e Leberecht Migge que ao integrar uma parcela de jardim às casas possibilitou que este fosse usado não apenas como jardim, mas sim espaço de produção. Um jardim que será também uma horta. Procura-se entender neste contexto a relação entre o espaço construído “mineral” e o espaço construído “vegetal”. Para isso é necessário o entendimento de regras estipuladas pela estrutura tipológica e morfológica do tema *hortas*.

COBERTURA: UM NOVO SOLO é o último capítulo.

Reflecte-se sobre a questão pertinente que é a separação do espaço de circulação automóvel do percurso pedonal, abordando as propostas urbanas de Harvey Corbett e de Ludwig Hilberseimer. Pretende-se neste capítulo fazer uma análise passando por um tempo onde os ideais de habitar as coberturas eram concretizadas mesmo anteriormente à época de ouro que a revolução industrial possibilitou. Apresentam-se os casos pragmáticos que determinam as premissas que se relacionam com o projecto de uma forma mais directa, como o desenvolvimento do 5º ponto da arquitectura moderna estipulada por Le Corbusier. O quinto-alçado é um solo elevado, um solo artificial, um *toit-jardin* e/ou *toit-terrace* que tem um papel fundamental no desenho do edifício. Analisando ao mesmo tempo casos que foram realizados e que servem de estudo e testemunho de um avanço no tempo e na arquitectura e mesmo aqueles casos que ficaram apenas como registos, mas que deles também podemos encontrar respostas possíveis. O limite dado pela cobertura define um novo espaço, este um novo habitat num solo a outra cota. Procura-se entender de que maneira a cobertura proposta poderá ser usada como um novo solo não apenas de contemplação, mas também de produção.

A possibilidade de criar um percurso pedonal longe do movimento automóvel que é também um jardim e uma horta. Um contributo para a cidade e para o homem.

" A realização da paisagem global, onde o espaço rural, por essência mais próximo da Natureza viva, se há de intercalar com espaço urbano por essência também mais artificial, sendo que ambos deverão integrar harmonicamente as infraestruturas indispensáveis ao desenvolvimento e bem estar da sociedade". <sup>(1)</sup>

Pretende-se uma nova proposta que religue o carácter urbano, com base conceptual na "Paisagem Global" de Gonçalo Ribeiro Telles. Uma interação entre o espaço rural e o espaço urbano, entendido como um todo, uma paisagem que tire partido da qualidade de ambas e do seu planeamento em conjunto. A paisagem tem de ser entendida como um todo, para além de ser um espaço físico, biológico e estético é também reflexo de um território testemunho de um passado. <sup>(2)</sup>  
A criação de um *Continuum Naturale* e *Continuum Culturale* de Caldeira Cabral, que consiste em equilibrar estruturas ecológicas consistentes com a rede urbana de infraestruturas e com os espaços dedicados à agricultura transformados num tema cultural. Propõe-se, assim a interação de duas realidades que visa a desensificação de fragmento desprezado pela cidade que possui um significado ancestral através do tema das hortas.

O projecto surge num local, fruto do desmembramento da cidade, lugar esquecido mas importante na sua relação de proximidade com a muralha e com uma das principais portas de entrada para a cidade actual.

Este local entre muitos outros que abraçam a muralha, teria sido local de prática agrícola, onde ainda persistem alguns testemunhos dessa acção. Uma nora, vestígios de muros e caleiras que demarcam a presença de um padrão ortogonal.

A comunidade servia-se dos espaços exteriores à muralha para cultivo e os postigos serviam como "portas traseiras da cozinha" para aceder a esses espaços.

O lugar com características rurais, são reutilizadas e restabelecem-se novas regras em relação com o território, mantendo vivo o contacto do homem com a terra.

A premissa estabelecida é a transformação deste lugar, marcado pelo parcelamento ajustado ao uso da prática agrícola já existente, num equipamento cultural que conceptualmente respeita esse padrão. A estrutura hidráulica que compartimenta esse espaço é elevado transformando-se em paredes que albergam todo o programa e estruturam todo o conjunto. Estes muros com uma estrutura parcelar definem a funcionalidade dos diferentes espaços e criam diversos momentos no percurso. Todo o conjunto de espaços relativos ao programa exposto são desenhados mediante este padrão estipulado pelo próprio sítio. As coberturas surgem então como espaços de prática horticola. Apropriando-se de um novo solo. Este funciona como o quinto alçado de Le Corbusier, o terraço ajardinado seria um jardim de hortas destinadas a substituir os elementos vegetais na cobertura. As linhas de rega transformadas em paredes, albergam as infraestruturas técnicas do interior do edifício e são coroadas por caleiras que distribuem e alimentam as hortas e cultivos na cobertura. Outros elementos vegetais fazem o acerto entre a paisagem rural e a paisagem urbana. As árvores de frutos, a sombra do espaço, a luz e os tanques de água são elementos que pontuam os espaços e possibilitam a

continuidade do percurso, num platô de diferentes aromas e tonalidades na cobertura. O Jardim agrícola [espaço publico] altera-se conforme as mudanças sazonais e interage com a sua paisagem envolvente. Afirma uma naturalidade em confronto com a artificialidade. Assume a sua presença artificial de carácter abstracto, que respeita os valores culturais primários da horticultura, integrando-a num tempo actual e contemporâneo tornando este lugar numa PAISAGEM CONSTRUÍDA. Aqui o contacto do homem com a natureza nunca esteve tão próximo de uma realidade urbana. O desenvolvimento de uma cobertura horticola possibilita a permanência do ambiência rural com o homem urbano. Aproxima o homem da cultura. Essa designação encontra-se no significado etimológico da própria palavra, CULTURA.

" The realization of the global landscape, where the rural space closer to the essence of living on the urban space and also more artificial, both of which will harmoniously integrate the essential infrastructure to the development and welfare of society ". <sup>(1)</sup>

In this pratical and teoric project is intended a new global proposal that it will reconnect the urban character, with conceptual basis on the "Global Landscape" of Professor and Landscape Architect Gonçalo Ribeiro Telles.

An interaction between the rural and the urban space, understood as a whole, a landscape that takes advantage of both quality and their planning together. "The landscape must be understood as a whole, in addition to being a physical, biological and aesthetic space is also a reflection of a territory testimony of a past". <sup>(2)</sup>

Creating a Continuum Culturale and a Continuum Naturale, of Professor landscape architect Francisco Caldeira Cabral, who the main focus is to balance ecological structures consistent with the urban network infrastructure and spaces devoted to agriculture transformed into a cultural theme .

So is proposed the interaction of two realities which aims to densify a fragment despised by the city urban development through the theme of hortus .

The intervention place is a result of the break up of the city , overlooked but important with the close relationship with the middle-age wall and one of the main gateways to the historic city.

This site and many others hugging the wall would have been local of agricultural practice, where there are still some evidence of that action .

A well, traces of walls and gutters that mark the presence of an agricultural patchwork. In the Middle-age, the community was served outside of the wall spaces for cultivation and the shutters were used as " back doors kitchen " to access these spaces .

The place with rural characteristics, are reused and re-establish new rules are in relation with the territory, keeping alive the contact of man with the earth .

The premise established is the transformation of this place , marked by the patchwork to use existing agricultural practice in a cultural facility that conceptually respect that standard.

The hydraulic that structure the plot is high and turning walls that will keep all the cultural program. These walls with a partial structure define the functionality of the different spaces and create different moments along the way. The entire set of spaces for the above program are drawn upon this standard stipulated by the plot itself.

The toppings then arise as spaces of horticultural practice. Appropriating a new floor. This works as the 5º facade of Le Corbusier, the terrace would be a garden designed to replace the elements that exist once. The irrigation lines transformed into walls , harboring the technical infrastructure of the culturale programme and crowned by gutters that distribute and nourish the gardens on the roof.

Other vgetation elements make settlement between the countryside and the urban landscape . The fruit trees, shade space, light and water tanks are elements that punctuate the spaces and allow the

continuation of the route on a plateau of different atmospheres and shades. The roof now, like an Agricultural Garden [ public space ] changes according to seasonal and interacts with its surroundings. Asserts a naturalness in confrontation with artificiality . Assumes its artificial presence of abstract nature , which respects the cultural values of primary horticulture, integrating it into current and contemporary time making this place a BUILT LANDSCAPE . Here the contact between man and nature has never been so close to an urban reality. The development of a horticultural coverage promotes permanence of rural ambience to the urban man . Approaches the man of culture . This designation is the etymological meaning of the word itself, CULTURE .

(1) RIBEIRO TELLES, Gonçalo; in prefácio de Fundamentos da Arquitectura paisagista de Francisco Caldeira Cabral  
(2) CABRAL, Francisco Caldeira; Fundamentos da arquitectura paisagista I.C. Natureza; Conservação da Natureza e o Continuum Naturale, Conferência proferida no seminário de conservação da Natureza; Lisboa, 1985



**CULTURA**, *s. f.* Acto, arte, modo de cultivar. **Lavoura** : conjunto das operações necessárias para que a terra produza. **Vegetal cultivado** : *cultura de arroz*. Meio de conservar, aumentar e utilizar certos produtos naturais. *Fig.* Aplicação do espírito a (determinado estudo ou trabalho intelectual). Instrução, saber, estudo **Apuro** ; **perfeição** ; cuidado.

fig. 01



fig. 02  
Wolfgang Nieblich  
Buchweizen, 1983

PAISAGEM (RURAL)

“ Paisagem é o reflexo físico e mental das interações entre sociedade e culturas e o seu ambiente natural, nelas surgindo os lugares, as aldeias, as cidades, as quintas, os hortos e pomares, (...) que justificavam que a paisagem primitiva de subsistência se transformasse gradualmente, numa paisagem cultural ”.(1)

O espaço agrícola foi a primeira paisagem alterada pelo homem "...uma paisagem primitiva de subsistência que se transforma gradualmente numa paisagem cultural...". (2)

Desde há pelo menos 35.000 ano a.C. surgem os primeiros passos dados pelo homem, abandonando as cavernas, deambulando pelo território foi alterando a paisagem, transformando-a, humanizando-a e adaptando-a às suas necessidades.

O homem teria sido, então o espectador e actor principal destas alterações. Mas é necessário reconhecer que a paisagem tem a sua dinâmica própria mesmo sem a presença humana. “ A paisagem agrícola não se opõe ao meio rural, adapta-se a ele ou pelo contrário, transforma-o ”.(3)

Muitas das alterações na paisagem provocadas pelo homem devem-se à prática de agricultura que progride ao longo do tempo, pela escolha e selecção das plantas que viviam em condições naturais e que passaram a ser cultivadas.

Estas experimentações territoriais enriqueceram e diversificaram completamente o desenho do cultivo na paisagem agrária.

Outras alterações surgem da necessidade do homem se adaptar às práticas agrícolas: Os sistemas hidráulicos pela necessidade de rega destes campos de cultivo. Como também é a necessidade de terreno plano para cultivo, e para isso são construídos os socalcos que redesenham a paisagem.

"As paisagens rurais, são ainda, um suporte indispensável ao desenvolvimento da cultura e da memória e continuidade histórica de um povo." (4)

A paisagem agrícola, tal como qualquer outra paisagem apenas pode ser interpretada globalmente. Constitui um conjunto no qual os elementos naturais ou directamente derivados do meio natural que se combinam dialecticamente com os elementos humanos.

Neste conjunto identifica-se uma estrutura, a paisagem rural, no sentido lato, que se apresenta apenas com um aspecto parcelar inteligente de diversas tonalidades e sentidos que se caracteriza igualmente num sistema que evolui sob a acção conjugada dos agentes e dos processos biofísicos e humanos.

Daí toda a paisagem ser um produto do passado, determinantemente influenciada pelos factos endógenos e exógenos que condicionam a expressão e evolução do sistema agrícola.

A Paisagem rural é representada por diferentes práticas agrícolas, onde se instalam as linhas e retículas e se acomodam as manchas dos montados, uma diversidade de texturas que desenham a paisagem e tipificam os usos. Quintas e hortos anunciam sempre a cidade na sua extensão territorial ondulante e dourada, estabelecendo a ligação entre o espaço urbano e o espaço rural.

O limite que convencionalmente separa a cidade do campo, está cada vez mais diluída no anel suburbano que envolve a cidade. Nota-se o contraste da “urbe” e da zona “rural” como um jogo de manchas, de cheios

e vazios que representam espaços edificados e espaços livres, alguns obsoletos. Assiste-se a um notável desenvolvimento da tecnologia e que este possibilita a diminuição do tempo/distância permitindo a expansão urbana menos concentrada, compreendendo áreas cada vez mais afastadas dos centros históricos. A consequência do afastamento entre campo e cidade, é a perda de valores e princípios culturais. E o homem depende dessa interligação.



fig. 01  
Yann Arthus-Bertrand  
Cultivo de legumes, Senegal



fig. 02  
Yann Arthus-Bertrand  
Cultivo de legumes, Senegal



fig. 03  
Yann Arthus-Bertrand  
Cultivo de tulipas, Holanda



fig. 04  
Yann Arthus-Bertrand  
Campos de couve, Peru



fig. 05  
Yann Arthus-Bertrand  
Neftzaoua Oasis de Kebili, Tunisia



fig. 06  
Açores

(1) Alexandre Cancela d'Abreu in Património do tejo  
(2) RIBEIRO TELLES, Gonçalo; in "Paisagem", Edição da DGOTDU, 1994, pág. 32  
(3) Ibidem; pág. 43  
(4) Ibidem; pág. 39



PAISAGEM GLOBAL

“ É evidente que a revolução tecnológica permite-nos e obriga-nos a modificar o conceito convencional de espaço verde. Hoje o problema não é trazer a natureza à cidade, mas sim levar a cidade ao campo sem destruir o que ele tem de cultural, de presença da natureza e de complemento à vida urbana”.<sup>(1)</sup>

Gonçalo Ribeiro Telles refere que os espaços verdes públicos da cidade, mais do que áreas residenciais implantadas como “ilhas” no interior do edificado, deverão organizar-se em corredores que percorrem a cidade constituindo uma estrutura continua que garanta a aproximação do homem na Natureza. Essa ideia encontra-se no conceito Paisagem Global que ressalta dessa relação entre o Homem e a Natureza. Caldeira Cabral defende, que uma Paisagem Global é definida através de um *continuum* entre o natural e o cultural.

“ Um novo espaço verde, que não será urbano nem rural, mas sim um espaço natural, onde prevalecem os materiais vivos, necessários ao diálogo com a cidade edificada onde prevalecem os materiais inertes”.<sup>(2)</sup> A dicotomia campo e cidade está inevitavelmente dependente de barreiras não apenas físicas, mas também dos respectivos modos de vida. Paolo Portugesi refere-se à cidade/campo, como; “Um relacionamento dos dois modelos extremos na sua instalação constitui não só um objectivo de redistribuição equitativa dos recursos naturais e da abolição dos privilégios, mas também um objectivo essencial e cognitivo, ao qual estão ligadas as esperanças de acabar com um processo de depauperamento, ou pelo menos de travar a sua acção, processo esse que poderia tornar-se vertiginoso (...) a arquitectura, por meio do desenho, apresenta-se como instrumento de inquérito sobre a possibilidade de uma relação nova entre as instalações humanas e a natureza, que seja a consequência deste novo modo de encarar a natureza como o outro capital, ao qual devemos prestar atenção, não como aquele infinito que se explora, mas como algo com um fim, com o qual devemos fazer nova aliança”.<sup>(3)</sup>

É como a particular atracção pelo limite suave entre o toque da água com a terra. Não existe uma linha forçada, como a linha do horizonte. Existe um limite suave que separa a terra do mar das duas realidades que apenas se misturam quando se encontram. E que mantém a sua identidade distinta, uma da outra.<sup>(4)</sup> O “limite” da cidade e do campo deveria ser esse. Por isso como refere Gonçalo Ribeiro Telles, há que restabelecer o *continuum naturale* no espaço urbano e no rural, como elo entre as respectivas paisagens, permitindo a aproximação dos dois modos de vida das pessoas. No conceito de paisagem global, a paisagem é vista globalmente, tendo desaparecido a dicotomia entre o espaço urbano e o espaço rural.

“O espaço rural e o espaço urbano devem-se interligar de tal maneira que sem que se perca as suas características próprias e funcionamento autónomo, não deixem de servir os seus interesses comuns da sociedade, que digam respeitam ao mundo rural, quer à vida urbana...(...)”

Para isso há que estabelecer o “continuum naturale” no espaço urbano e no espaço rural, como elo entre as respectivas paisagens, permitindo a aproximação dos dois modos de vida e das pessoas. A paisagem global do futuro não poderá deixar de estar sujeita a princípios impostos pela essência biológica, pelo que a localização das actividades, nomeadamente de expansão urbana têm que estar sujeita à aptidão de território e à paisagem existente.”<sup>(5)</sup>

(1) RIBEIRO TELLES, Gonçalo; *A paisagem global:um conceito para o futuro* (numero especial), iniciativa 1994  
(2) *Ibidem*  
(3) RAPOSO MAGALHÃES, Manuela; *Arquitectura paisagista; morfologia da paisagem*; Lisboa 2001; pág. 236  
(4) Tradução livre; Aldo Van Eyck, in enclosed garden, 1978.  
(5) RIBEIRO TELLES, Gonçalo; *A paisagem global:um conceito para o futuro* (numero especial), iniciativa 1994



CIDADES JARDIM  
Propostas de ligação do espaço rural e o espaço urbano

Entende-se nesta proposta de projecto, que o conceito de paisagem global vai intervir no espaço rural e urbano, estabelecendo a ligação entre as duas. Defende-se a capacidade de relação campo e cidade, através da sobreposição desses dois valores existentes. Criando um percurso pedonal contínuo.

O edificado e o não edificado devem distribuir-se no território criando espaços de conexão.

É neste conceito que resulta o espaço exterior (não edificado) e o espaço interior (edificado), rural e urbano. Podemos ver que o *continuum naturalle* (que é a ligação campo/cidade) existe se for uma ligação contínua.

Foi na época da Revolução Industrial imediatamente seguida de um impressionante crescimento demográfico das cidades e de uma saída da população dos campos, que a suburbanização assume uma grande importância. A indústria implanta-se nas periferias das cidades, as classes operárias deslocam-se para os subúrbios e a cidade expande-se para fora dos seus limites.

Foi neste contexto que se elaboraram teorias “utopistas” no séc XIX, mas que apartir delas podemos ver possíveis respostas, que tentam não resgatar o espaço urbano como cidade mas sim enquanto comunidade, apresentando novas propostas que integram o rural com o urbano, ou seja, cidade/campo.

Esta noção de manter as origens do espaço natural, espaço aberto e contínuo, tinha também haver com a questão sociológica inerente à crítica da cidade industrial e à revalorização do espírito de comunidade.

Surtem então neste contexto, teorias que mesmo sendo utópicas têm um forte entendimento de integração entre o espaço rural e o espaço urbano, entre a cidade e o campo, e o seu território complexo. Os dois exemplos mais pragmáticos são a cidade linear de Arturo Soria Mata (1882) e a cidade Jardim de Howard Ebenezer (1988).

Na cidade Linear de Arturo Soria este propõe uma estrutura verde organizada segundo um eixo principal de onde convergem outras ruas perpendiculares. Este conceito de matriz regradada, chegou a ser aplicado como protótipo na cidade de Madrid e resulta como prolongamento da rua principal.

Por outro lado Howard (1850-1928), propoinha uma estrutura verde de vários anéis e espaços concêntricos, caracterizados como “cintura verde”.

Estas teorias apesar de serem estruturalmente diferentes na sua organização como cidades, partilhavam da mesma intenção que pretendiam reduzir os contrastes entre o campo e a cidade, introduzindo faixas contínuas que permitiam essas ligações.

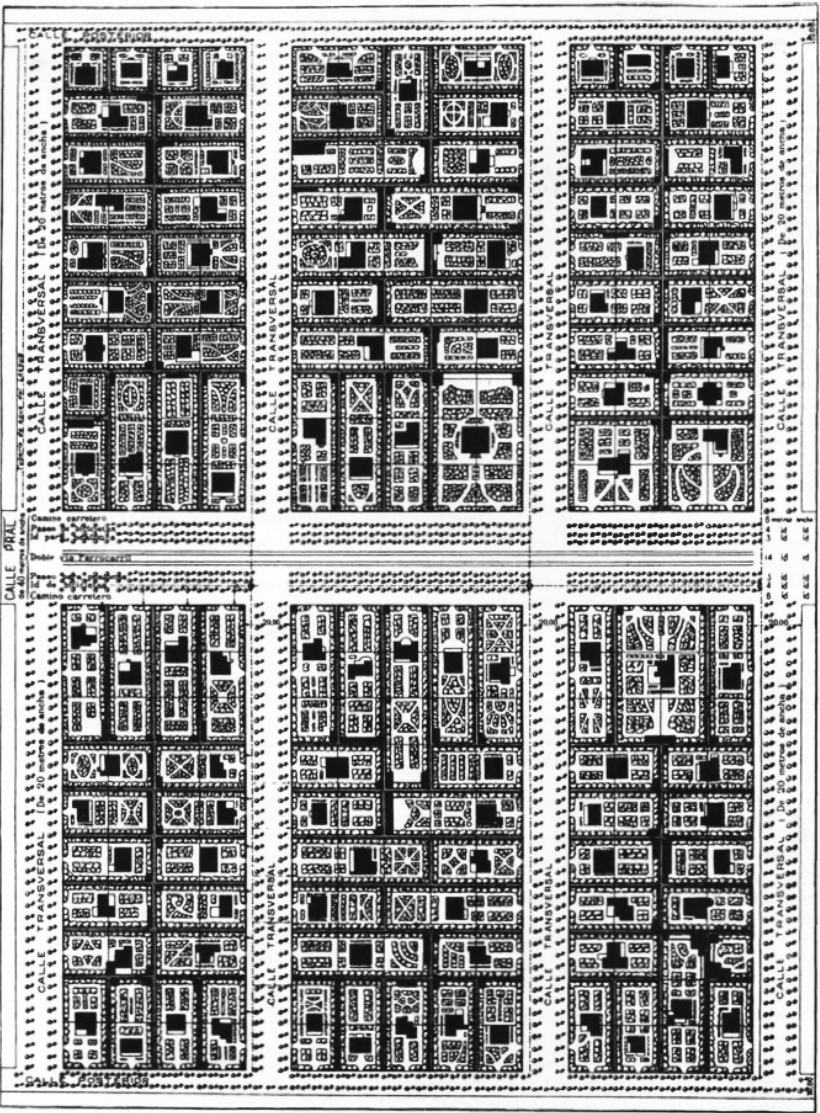


fig. 01  
cidade lineal  
Arturo Soria Mata, 1882

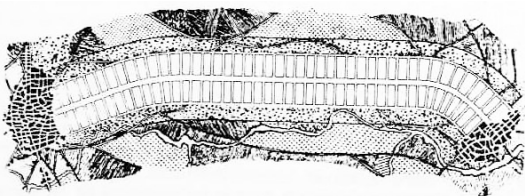


fig. 02  
cidade lineal - conjunto  
Arturo Soria Mata, 1882

“Cidade e campo devem estar casados, e dessa feliz união nascerá uma nova esperança, uma nova vida, uma nova civilização.” <sup>(1)</sup>

A ideia de uma cidade jardim foi proposta inicialmente por Ebenezer Howard no livro intitulado: *To- morrow: a Peaceful Path to Real Reform* (1898; 2a ed., 1902) e em 1902 reeditado como *Garden Cities of Tomorrow*. Esta ideia teria sido inspirada no “lema de Chicago – *Urbs in Horto*” onde Howard teria trabalhado durante alguns anos na década de 1870. Esta proposta de cidade pretendia resolver o desequilíbrio territorial e social que eram simultaneamente o congestionamento das cidades e o isolamento da vida rural, através da combinação dos diversos valores rurais que fariam agora parte de uma cidade urbana projectada. “A ideia comunidade-jardim era uma ideia vitoriana comum, que correspondia às convicções sobre a necessidade do contacto com a natureza e com as emanções das árvores e plantas”. <sup>(2)</sup> Para além dessas duas realidades opostas, proponha um terceiro elemento. Esse terceiro elemento seria a combinação perfeita dos valores positivos da vida urbana e vida rural, as vantagens da mais intensa e activa vida urbana com toda a beleza e os prazeres do campo, na mais perfeita harmonia. Esta terceira alternativa estava contemplada num esquema (ver figura 2) onde estão representados três ímãs, que se atraem mutuamente, tentando juntar o que a cidade e o campo tinham de melhor, a todos os níveis, desde territoriais a sociológicos.

A cidade jardim seria o *focus*, a combinação saudável da vida urbana e rural. A planta da cidade organizada em diversos anéis concêntricos, divide a cidade em várias zonas que se abraçam entre si. Existe um centro onde se concentram os edifícios mais relevantes, nos anéis sucessivos organizavam-se as habitações e por último, um limite que abraça a cidade, designado “cintura verde”. Esta estava encarregue de produzir os produtos agrícolas e alimentar a cidade. Era fundamental- mente para uma cidade que pretendia ser auto – suficiente. Permitia um limite máximo de habitantes, pois caso extrapolasse esse limite haveria a problemática de extensão da cidade, ultrapassando essa cintura rural, ocupando o solo com construção. Assim, sempre que esse limite fosse atingido, o futuro cresci- mento seria acompanhado através do desenvolvimento de uma nova cidade-jardim autónoma noutro lugar. Surgindo assim, novos centros interligados. Muitos foram os arquitectos que desenvolveram princípios para cidades ideais que incluíam sempre a relação cultural entre o meio rural e o meio urbano. A premissa aplicada na cidade-jardim de Howard em 1898, que proponha resolver simultaneamente o congestionamento das cidades e isolamento da vida rural, surge como impulso para outros.

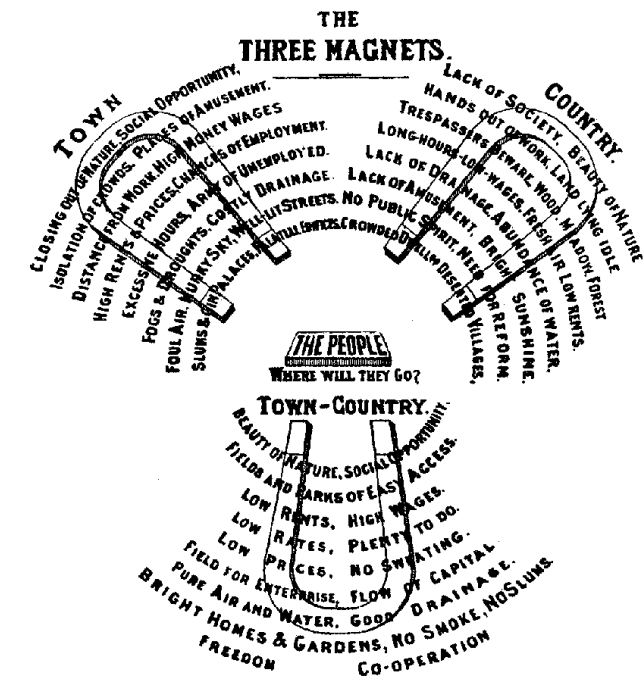


fig. 01  
Howard Ebenezer  
Esquema da cidade-jardim; os três ímãs

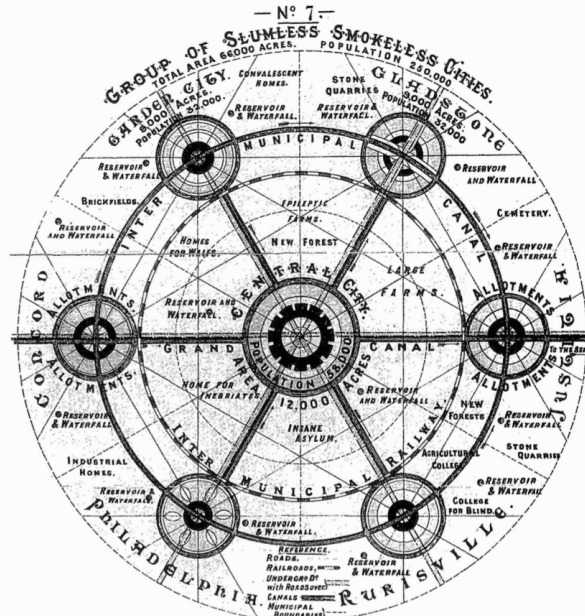


fig. 02  
Howard Ebenezer  
Esquema da cidade-jardim n.º7



fig. 03  
Howard Ebenezer  
city of tomorrow

(1) (tradução livre); EBENEZER, Howard; *The garden City of tomorrow*  
(2 ) RELPH, Edward; *Paisagem Urbana*; pág 57



Estas teorias surgem num contexto determinado pelo fenómeno da migração da população rural para as cidades industriais entre os Séc. XIX e XX. A agricultura para além de ser o meio indispensável para a sobrevivência, viria a ser integrada no desenho de algumas proposta como meio de ligação entre a cidade e o campo. A agricultura faria parte do desenho da cidade. Algumas propostas surgem sob forma abstracta de novos conceitos de habitar. Vastas e infinitas paisagens com as suas representações fundidas em vistas aérea e mapas.

Os projectos nunca construídos que se centravam na ligação entre o urbano/industrial e o rural/ agricultura seriam os de Frank Loyd Wright a *Broadacre City* (1934-35), Ludwing Hilberseimer, *New Regional Pattern* (1945-49) e *Agronica* (1992-93) de Andrea Branzi.

Estes projectos, apesar de separados por décadas e de serem de diferentes autores ao serem considerados num conjunto, ilustram muitas das implicações da produção agrícola para a forma do desenho urbano. Cada uma delas propôs uma profunda refundação (conceptual) da cidade, uma descentralização radical e dissolução da figura urbana numa "paisagem produtiva". Esta dissolução, que altera a nossa visão estereotipada de uma "cidade", que se funde entre a cidade e o campo, permitiu abrir o interesse contemporâneo na agricultura urbana e alternativas que diferem da história canónica da forma da cidade.

As paisagens suburbanas nos projectos de Wright, Hilberseimer foram transformadas em paisagens agrícolas, a cidade de Branzi numa grande rede de infraestrutura urbana em territórios agrícolas que trouxeram novas espacialidades com novas relações entre paisagens agrícolas e industriais.

A cidade de Wright influenciada pela cidade jardim de Ebenezer partiram do mesmo princípio e são a contraposição uma da outra, surgindo na mesma altura que Le Corbusier apresenta a *Ville Radieuse*. Nessa altura a cidade seria projectada em função da máquina, com grandes avenidas percorriáveis apenas pelo carro. Os edifícios com mais de 60 pisos, sob *pilotis*, permitiam espaço e permeabilidade para a vegetação.

Le Corbusier escreveu o manifesto nos anos 20 sobre a cidade contemporânea ou plano *Voisin*, a partir dos quais desenvolveu depois em outros projectos, tais como a *Villa Radieuse*.

"O seu sonho era o de grande desenvolvimento, à escala regional, que consistia numa cidade central para 500 000 pessoas sem família, rodeada por uma cintura verde, depois algumas "cidades-jardim" mais pequenas para as famílias."<sup>(1)</sup>

A ideia de Le Corbusier nada tem haver com o conceito de interligação ou planeamento urbano assente na vida rural ou campo, mas sim, na amplitude dos espaços verdes que serviam de elo de variadíssimas vistas e perspectivas dos altos edifícios e proporcionavam uma qualidade de vida ligada à máquina, mas ao mesmo tempo usufruindo dos espaços verdes relacionados com a vida ao ar livre e lazer.

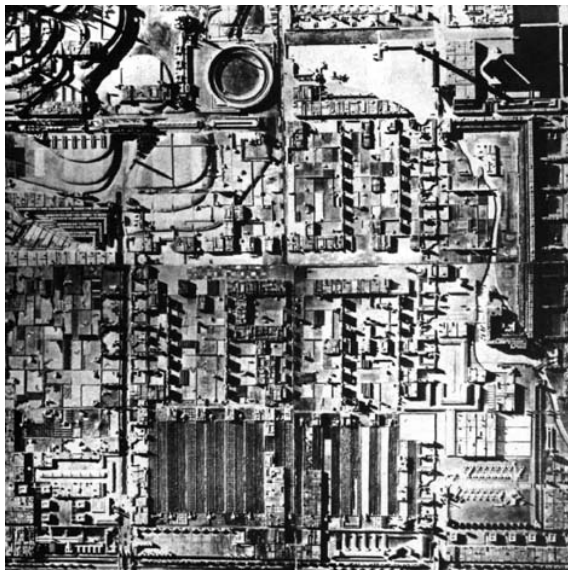


fig. 01  
Frank Loyd Wright  
*Broadacre City* 1934-35



fig. 02  
Andrea Branzi  
*Agronica* 1992-93

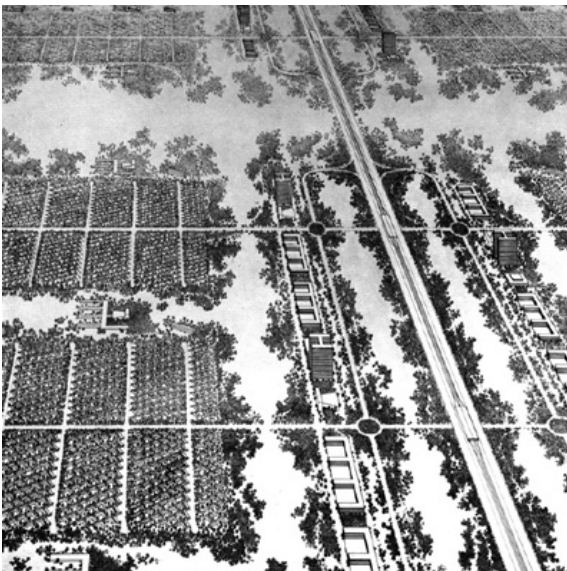


fig. 03  
Ludwing Hilberseimer  
*New Regional Pattern* 1945-49

(1) RELPH, Edward; *A paisagem moderna*; Arquitectura e Urbanismo; Edições 70; pág.69.



*Broadacre City* reflecte uma teoria desenvolvida por Frank Loyd Wright, sobre um território ilimitado e disperso, para uma sociedade descentralizada. *The Disappearing City* foi o título do livro escrito em 1932 mais tarde intitulado *The Living City*. Poderia ter sido pensada como contradição à *Villa Radieuse* de Le Corbusier "*Disappearing City* é a antítese da cidade tradicional, é também a antítese da dicotomia entre a cidade e o campo." <sup>(1)</sup> Pelo contrário é a interligação de ambas, como podemos ver na própria palavra: ***Broad*** (amplo; estrada), ***acre*** (medida agrícola americana = 1 hectare = 10.000 m2) e ***city*** (cidade). **Cidade que surge de uma matriz rural, descentrada e definida pelas estradas que correspondem a elementos da cidade. Tal como a projecto proposto, surge de uma matriz rural existente para se tornar arquitectura.**

“ A escolha deste nome não vem com o facto de que a *Broadacre* está fundada na unidade mínima de um acre para cada indivíduo, mas facto muito mais importante, de que, surgida no seio da democracia, *Broadacre* é a cidade natural da liberdade no espaço, do reflexo humano (...) Em toda a parte onde existir a cidade democrática, a individualidade da consciência e a consciência da individualidade permanecerão invioladas...O solo precisa de ser colocado à disposição de todos, em condições honestas; ele deve poder ser legalmente considerado como um elemento com valor próprio, tao directamente acessível aos homens quanto a qualquer outro elemento. (...)” <sup>(2)</sup>

A cidade surge como uma malha estrutural, um tecido urbano com o seu limite indefinido e disperso. *Broadcare City* parece ser uma utopia próxima da realidade. Wright pretendia eliminar as consequências da prosperidade e apropriação dos mercados e em particular a densidade das cidades. *Broadcare City* permite aos cidadãos terem à sua disposição pelo menos um acre por pessoa, cuja apropriação deverá incentivar uma livre iniciativa que garanta no seu conjunto um território plurifuncional, em produção diversificada, capaz de reduzir e encurtar a distância entre produção, consumo e capaz de garantir auto-suficiência. A construção seria de baixa densidade, “onde cada homem cultivava o seu próprio alimento num acre de terra que, reservado desde o seu nascimento, seria colocado à sua disposição assim que ele alcançasse maioridade” <sup>(3)</sup> Pretendia que o mundo natural fosse acessível em qualquer parte por qualquer um. Seria uma cidade de simplicidade orgânica, “haveriam diversos edifícios, pequenas quintas, grandes mercados e esporádicos aranha-céus isolados”.<sup>(4)</sup> A utopia de Wrighth não pretendia que toda a população vivesse ou auto-subsistisse apenas e através da comunidade rural. O retorno à Natureza no Séc. XX não é considerado sem meios tecnológicos necessários para uma sociedade urbana moderna. A sua organização estrutural é uma espécie de grelha de auto-estradas que cruzam entre unidades rurais/ agrícolas, industriais / urbanas e residencial. Aqui o problema distância não existia, pois pode ser vivida

com novos tipos de locomoção, possíveis e idealizados com o grande “boom” da revolução industrial. O automóvel permitiu que a cidade se dispersasse havendo agora uma distância medida não em quilómetros mas sim em minutos. “Segundo motivos vinculados na imprensa Henry Ford emitiu uma ordem estipulando que em seu tempo livre, todos os operários e trabalhadores, devem cultivar legumes e verduras em suas hortas de acordo com as instruções pormenorizadas de especialistas por ele contratados para esse fim. A ideia é de que, tal procedimento, eles terão condições de satisfazer á maior parte de suas necessidades. A terra necessária para a horta será colocada à sua disposição. Henry Ford afirmou: A auto-ajuda é a única maneira de combater a depressão económica. Todos os que se recusarem a cultivar a sua horta serão demitidos”.<sup>(5)</sup> Para Wright, o uso do automóvel na sociedade moderna implica uma descentralização radical dissolvendo os limites que separam o centro (cidade) do campo. Esta cidade não é definida por um centro ou periferia, mas sim a sua comunicação é feita por parcelas / unidades, que se interligam entre elas. Assim sendo existe um não limite de espaço nem de tempo. Logo Broadcare city é uma cidade “*Everywhere and nowhere*”.<sup>(6)</sup>

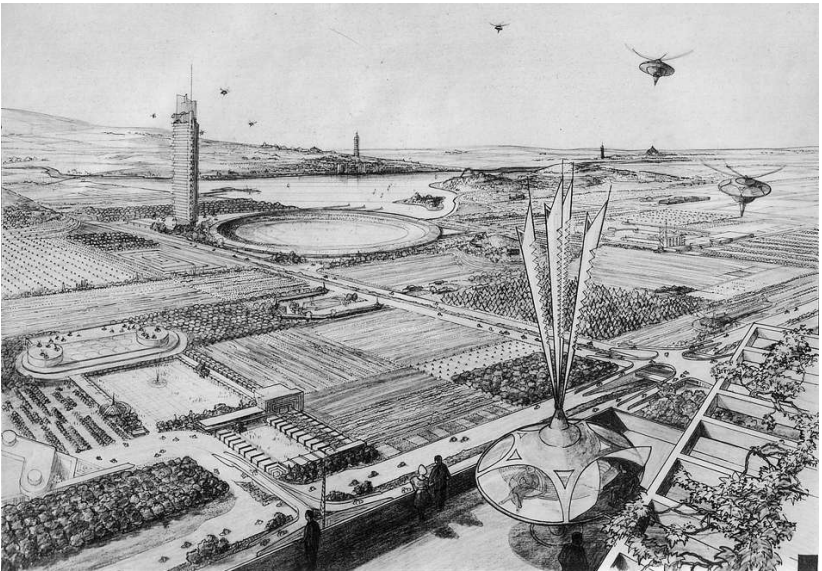


Fig. 04  
Ilustração  
*Broadacre City* 1934-35  
Frank Loyd Wright

(1) KENNETH, Frampton; *História crítica da arquitectura moderna*, cap. 21, pág. 231.  
(2) Pedro Bandeira, Dulcineia Neves dos Santos e Pedro Borges Araújo; *Arquitectura em lugares comuns*; pag.61 in Frank Loyd Wright in O Urbanismo. *Utopias e realidades. Uma analogia*, São Paulo, perspectiva, 1992. (1ªedição.1965).  
(3) *Ibidem*  
(4) KENNETH, Frampton, *História crítica da arquitectura moderna*, pág. 224.  
(5) *Ibidem*  
(6) WRIGHT, Frank Loyd; *The living City*, pág. 57

CIDADE DE ÉVORA

Relação com o território rural ao longo do tempo

A cidade de Évora sempre constituiu uma unidade cidade-campo. Uma unidade entre a paisagem da cidade e paisagem agrária, por isso pode ser naturalmente equiparada em alguns pontos com as teorias de cidade-jardim apresentadas previamente. A paisagem é entendida como transição e transformação, inserida numa paisagem rural. Como muitas outras cidades de origem rural, Évora preserva e continua com as suas características de cidade habitante de um território rural.

“O desenvolvimento da paisagem da cidade de Évora, desenvolve-se ao longo de milhares de anos e corresponde a um processo complexo de formação social e aproveitamento dos recursos de criação de uma economia, mas sobretudo a criação de um valor simbólico enquanto espaço. O processo de desenvolvimento corresponde a uma sequência de etapas e formação espacial na implantação de estruturas e transformação posteriores que se repetiram em vários sítios e que lentamente se estabeleceram a uma transição ao gradiente que é hoje intransponível entre o espaço urbano e o espaço agrário.”<sup>(1)</sup>

A sua origem foi principalmente fundada por razões administrativas e económicas. Como refere Orlando Ribeiro, “ De origem anterior rivalizou com Beja, que os romanos fundaram ou promoveram para ser sede (...) que abrangia todos os territórios ao sul do Tejo”<sup>(2)</sup>, que na formação da cidade de Évora correspondia a um centro para além de social e político era como se pode comprovar, a criação de um lugar centro administrativo, desempenhando um papel político e naturalmente cultural. Teria sido Beja o centro de produção pela sua topografia plana e solos férteis e Évora por apresentar a sua localização e topografia defensiva, o centro administrativo, político e cultural. As famílias mais abastadas como os Aristocratas Romanos habitavam em Évora e complementavam a sua vida urbana com a vida rural, através do sistema agrário integrado na paisagem.

Esta complexidade demonstra que a vida urbana e a vida rural são faces do mesmo modo de interpretar o território. Remonta a uma unidade campo com fundamento de construção da paisagem de Évora.

“Os montes, alguns de grandes dimensões normalmente localizados em situações dominantes, salientam-se de forma clara na paisagem, pelo contraste pela planura e pela diversidade de tipologias resultantes da combinação dos diversos elementos construídos de apoio à exploração agrícola, uma parte destes montes encontram-se degradados ou mesmo abandonados, enquanto que outros têm vindo a ser recuperados para novas funcionalidades”.<sup>(3)</sup>

A cidade Romana expandiu-se, ultrapassando os seus limites, para voltar a recintar-se numa nova muralha que abraça a cidade. Os arrabaldes a Norte da cidade eram terrenos parcelados, irrigados que serviam para os ferragiais e Hortas. Uma estrutura situada na envolência da muralha que constrói a relação desta com a paisagem envolvente.

“Culturalmente o significado desta transposição evidencialmente da vida cosmopolita e sofisti-

cada entre espaço rural – espaço urbano vem acentuar a mudança de paradigma e o surgimento da Quinta de recreio, e como esta confina um micro-cosmos da paisagem. Esta tipologia arquitectónica e pragmática corresponde também às cercas e conventos em torno de Évora. Estabelecendo deste modo a transição do tecido urbano para o tecido agrário.”<sup>(4)</sup>

A época da industrialização foi um enorme catalisador na transformação da cidade de Évora. Com o desenvolvimento da mecanização da lavoura e dos processos de industrialização houve um “boom” significativo na produção e cultivo dos solos. Por um lado os lavradores e agricultores que habitavam no centro, investem na modernização das suas herdades, aumentando assim a manipulação do solo e alteração da sua superfície. Por outro lado a construção de infraestruturas e instalação de sistemas de produção industrializados com uma grande capacidade de produção, alteraram radicalmente as relações sociais. A dicotomia entre cidade-campo acentua-se ainda mais, por fazer surgir novos grupos agrários como os Montes e Herdades que são em geral as sedes das empresas agrícolas e a residência permanente de uma parte significativa da mão-de-obra dessas propriedades. “Verdadeiras aldeias são construídas nas herdades em que a maior parte dos serviços se fixam no interior dentro das propriedade.”<sup>(5)</sup>

O período pós-industrialização trouxe uma enorme instabilidade a toda a zona extramuros da cidade de Évora. “Neste período, a qualidade do ambiente urbano deterioriza-se rapidamente, sobretudo nos bairros operários e o urbanismo passa a ser matéria de debate e objecto de estudo”<sup>(6)</sup>.

A cidade não respondeu à grande concentração populacional no meio urbano causado pela migração. E consequência disso foram o aparecimento de bairros clandestinos sem ordenamento prévio e que acaba por caracterizar uma zona periférica desordenada. Houve sim posteriormente um 1º plano de urbanização de Etienne Groer que chegou a por em prática um bairro (bairro da Nau) a nascente da cidade. O desenho reflectia os princípios da cidade jardim, designando zonas para cada função da cidade. Cidade intramuros, cidade extramuros, zona de espaços livres e zonas rurais. Os bairros clandestinos após a Revolução, foram alvo de reformulação e novos planeamentos urbanos para uma organização digna para a cidade. Estes sistemas agrários são fundadores dos bairros urbanos (ver ortofotomapa nas páginas 24 e 25), daí a toponímia que os designa ser frequentemente associada aos nomes das propriedades e quintas que nos locais existiam.

O território exterior à muralha constituído pelos ferragiais, hortas e vinhas tem vindo a desagregar-se e afastar-se cada vez mais da proximidade com a cidade e a sua constituição cada vez mais dissolvida numa paisagem urbana sem ligação entre o tecido urbano e tecido rural.

A constituição do território apresenta-se em quatro círculos rurais ou quatro anéis de culturas e de sistemas agrícolas. De um modo geral estas categorias abrangem uma grande área da cidade e situavam-se distantes entre eles, criando uma hierarquia e zonamento do tipo de cultura. Poderia-se chamar “*zooning* rural?”, onde apenas se destinavam ao tipo de cultivo e não de construção. Estavam relacionados com a função, necessidades e capacidades de cada sistema.

primeiro círculo

“O mais próximo da cidade era bem típico: a zona dos ferragiais, ou seja, dos campos irrigados, onde se produzia a ferrã que era uma espécie de cevada ou centeio que os camponeses cortavam em verde como forragem para os animais. O interessante é que a parte do ferragial ou em sistema alternativo, todo o campo, funcionava como horta em regime de rotação.

Na toponímia aliás, encontram-se ainda sinais desse sistema: sirva de exemplo o sugestivo lugar do jardim ferragial a leste da cidade. Este é um pequeno exemplo, embora sugestivo dos muitos locais com topónimo “horta” ou “ ferragial”. De facto, os ferragiais situavam-se próximo de Évora devido. Em grande parte, às necessidades diárias do tratamento das culturas, nomeadamente dos vegetais.”<sup>(7)</sup>

segundo círculo

“Era constituído por uma forte implantação de vinha. Era localizado porque as vinhas não precisavam de cuidados diários e de um modo geral, as linhas de água estão num raio de 2 a 5 kms da cidade de Évora.”<sup>(8)</sup>

terceiro círculo

“Estavam as quinta, elas apresentavam um carácter muito mais complexo, visto que, cada quinta juntava vários campos de culturas com terras de pasto. De um ponto de vista prático, as quintas encontravam-se divididas em propriedades, com culturas extensivas de cereal e trigo”.<sup>(9)</sup>

O último anel era o do pasto

“Além de alguma cultura do linho espalhada pela zona, importa ressaltar mais dois sistema; as chamadas “terras de pão” e as florestas ou matas. As primeiras, muitas vezes associadas a ferragiais, vinhas ou nas parcelas das quintas. As segundas, que tinham um papel importante no quotidiano da população, eram por lei, espaços demarcados, mas na pratica, não eram espaços fechados.”<sup>(10)</sup>

(1)Transcrição; João Gomes da Silva *in* Conferência para aula de doutoramento em arquitectura em Universidade de Évora. Fevereiro 2013

(2) *Ibidem*

(3) Departamento de planeamento biofísico e paisagístico da Universidade de Évora: contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental

(4)Transcrição; João Gomes da Silva *in* Conferência para aula de doutoramento em arquitectura em Universidade de Évora. Fevereiro 2013

(5) *Ibidem*

(6) *Ibidem*

(7) Themudo Barata, Filipe ; Mascarenhas, José; Preservando a memória do território; O parque cultural de Tourega/ valverde pág. 34

(8) *Ibidem*

(9) *Ibidem*

(10) *Ibidem*



CIDADE DE ÉVORA  
ANEIS RURAIS QUE REPRESENTAM  
O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE NA IDADE MÉDIA

